



ETNOGÊNESE MBAYÁ-GUAYKURU: NOTAS SOBRE EMERGÊNCIA IDENTITÁRIA, EXPANSÃO TERRITORIAL E RESISTÊNCIA DE UM GRUPO ÉTNICO NO VALE DO RIO PARAGUAI (c. 1650-1800)

Francismar Alex Lopes de Carvalho*
Universidade Estadual de Maringá – UEM
francismar_alex@yahoo.com.br

RESUMO: A população indígena do grupo Mbayá-Guaykuru teve atuação decisiva no âmbito das disputas territoriais pelo controle do vale do rio Paraguai, no período colonial. O presente trabalho analisa o processo de emergência sociopolítica do referido grupo, atentando para as relações interculturais que experimentaram com outros povos chaquenhos e com os adventícios, espanhóis e portugueses. Em especial, procuro entender como os Mbayá-Guaykuru, diante das ofensivas coloniais do século XVIII, resistiram lutando para defenderem as conquistas que obtiveram durante o processo mesmo de colonização.

ABSTRACT: The native peoples of the Mbayá-Guaycuruan group had decisive performance in the context of the territorial disputes for the control of the valley of the Río Paraguay, in the colonial period. The present paper analyzes the process of sociopolitical emergency of the mentioned group, looking at the intercultural relationships that they experienced with other Chaco peoples and with the Spanish and Portuguese foreigners. Especially, I try to understand how Mbayá-Guaycuruans, during the colonial offensives of the 18th century, resisted struggling to defend the conquests that they obtained during the same process of colonization.

PALAVRAS-CHAVE: Etnogênese – Etnificação – Resistência – Mbayá-Guaykuru

KEYWORDS: Ethnogenesis – Ethnification – Resistance – Mbayá-Guaycuruan

A história das populações nativas do Gran Chaco e Paraguai é frequentemente descrita como exótica ou única. Na verdade, contudo, ela era uma região não mais exótica que qualquer outra e era única somente no sentido de que todo lugar é único.¹

* Mestrando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Bolsista da Capes.

¹ SAEGER, James Schofield. Warfare, reorganization, and readaptation at the margins of Spanish rule: the Chaco and Paraguay (1573–1882). In: SCHWARTZ, Stuart B.; SALOMON, Frank (Eds.). **The Cambridge history of the native peoples of the Americas: South America**. Parte 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 283. v. 3. “The history of the Native American peoples of the

ETNOGÊNESE, ETNIFICAÇÃO, RESISTÊNCIA

É importante enfatizar que os estudos de etnogênese têm ganhado, nas últimas duas décadas, significativas contribuições de historiadores e antropólogos de vários países, tanto no que concerne ao refinamento do equipamento conceitual, quanto no desdobramento de pesquisas empíricas, embora essa discussão ainda não tenha alcançado a mesma amplitude no Brasil.² Tais contribuições encaminham-se, por um lado, no sentido de uma ruptura com a noção essencializada das culturas indígenas, vistas não mais como “isoladas”, mas em intenso fluxo intercultural. Por outro lado, procura-se romper com as armadilhas da história tradicional, e suas perspectivas de análise centradas no binômio resistência/aculturação, que conduzem à “crônica da destruição”, ou mesmo afastar-se da ênfase nos “índios de papel”, que dá voz somente aos não-índios.³ Dentre os autores de estudos de etnogênese, destacam-se Jonathan Hill,⁴ Neil Whitehead,⁵ Guillaume Boccara,⁶ Stuart Schwartz e Frank Salomon⁷ e, no Brasil, John Manuel Monteiro.⁸

Discutindo a contribuição do conceito de etnogênese, Monteiro destaca que se trata de submeter à análise justamente a “articulação entre processos endógenos de transformação e processos externos introduzidos pela crescente intrusão de forças

Gran Chaco and Paraguay is often described as exotic or unique. In fact, however, it was a region no more exotic than any other and was unique only in the sense that every place is unique”. Todas as traduções foram feitas por mim. As citações de documentos tiveram sua ortografia atualizada.

² Cf. MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, tupuias e historiadores: Estudos de história indígena e do indigenismo**. 2001. Tese (Concurso de Livre Docência) – Departamento de Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. f. 56.

³ Cf. *Ibid.*, f. 55, 78.

⁴ HILL, Jonathan (Ed.). **History, Power, and Identity: Ethnogenesis in the Americas, 1492-1992**. Iowa City: University of Iowa Press, 1996.

⁵ WHITEHEAD, Neil. Ethnogenesis and Ethnocide in the European Occupation of Native Surinam, 1499-1681. In: HILL, Jonathan (Ed.). **History, Power, and Identity: Ethnogenesis in the Americas, 1492-1992**. Iowa City: University of Iowa Press, 1996, p. 20-35.

⁶ BOCCARA, Guillaume. **Guerre et ethnogenèse Mapuche dans le Chili colonial: l'invention du soi**. Paris: L'Harmattan, 1998.

_____. **Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**. n. 1, 2001 [Disponível on-line a partir de 2005]. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document426.html>. Acesso em: 24 mar. 2006.

_____. Rethinking the Margins/Thinking from the Margins: Culture, Power, and Place on the Frontiers of the New World. **Identities: Global Studies in Culture and Power**. n. 10, 2003. p. 59-81.

⁷ SCHWARTZ, Stuart B.; SALOMON, Frank. New peoples and new kinds of people: adaptation, readjustment, and ethnogenesis in South American indigenous societies (Colonial Era). In: _____. (Eds.). **The Cambridge history of the native peoples of the Americas: South America**. Parte 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 443-501. v. 3.

⁸ MONTEIRO, 2001, op. cit.

ligadas aos europeus”.⁹ Em outros termos, a abordagem coloca o problema dos “novos tipos de sociedades” criadas, condicionadas ou inventadas com o contato colonial.¹⁰ Tais pesquisas têm trabalhado com conceitos como os de etnogênese, etnificação e resistência.

De acordo com Boccara, o conceito de etnogênese não alude apenas à emergência física de um grupo social diferenciado, senão que se refere também, e principalmente, a processos de transformação social pelos quais passa um agrupamento humano, não apenas politicamente, mas também em termos de definição de identidade, seleção e incorporação criativas de itens adventícios.¹¹ Como o autor escreve:

[...] estudos mais recentes enfatizaram as capacidades para adaptação e criação mostradas pelas sociedades indígenas, e começaram a considerar a possibilidade de que novas configurações sociais podem ter tomado forma, não apenas como resultado de processos de fissão e fusão, mas também através da incorporação de elementos estrangeiros e de consecutivas modificações na definição do *self*.¹²

O segundo conceito a que me referi – etnificação – vem problematizar a noção, que por muito tempo foi lugar comum nos estudos sobre os índios, de que determinados grupos sempre existiram coerentemente como se fossem “nações” em territórios delimitados. No contexto da colonização, a essencialização, se foi um equívoco, “este equívoco trazia uma certa intencionalidade”.¹³ O conceito de etnificação permite adentrar no âmbito mesmo dos processos políticos de dominação colonial e de estratégias indígenas. Ele problematiza, por um lado, os processos de imposição de esquemas de visão e de divisão pelos quais o colonizador acabava tentando definir os limites dos grupos étnicos, e, por outro, as estratégias por meio das quais as lideranças

⁹ MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, tapuias e historiadores**: Estudos de história indígena e do indigenismo. 2001. Tese (Concurso de Livre Docência) – Departamento de Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. f. 56.

¹⁰ SCHWARTZ, Stuart B.; SALOMON, Frank. New peoples and new kinds of people: adaptation, readjustment, and ethnogenesis in South American indigenous societies (Colonial Era). In: _____. (Eds.). **The Cambridge history of the native peoples of the Americas**: South America. Parte 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 443. v. 3.

¹¹ Cf. BOCCARA, Guillaume. Rethinking the Margins/Thinking from the Margins: Culture, Power, and Place on the Frontiers of the New World. **Identities**: Global Studies in Culture and Power. n. 10, p. 72, 2003.

¹² Ibid. “[...] more recent studies have emphasized the capacities for adaptation and creation shown by indigenous societies and have begun to consider the possibility that new social configurations may have taken shape, not only as a result of fission and fusion processes but also through the incorporation of foreign elements and of consecutive modifications in the definition of the self”.

¹³ MONTEIRO, 2001, op. cit., f. 57.

índigenas manipulavam suas identidades e alianças políticas, não raro para corresponder ao etnônimo posto pelo adventício, precisamente para acessar os bens desejados.¹⁴

O terceiro conceito que tem sido repensado é o de resistência. Ao contrário do que a historiografia tradicional enfatiza, os índios não lutavam apenas devido ao apego às tradições pré-colombianas, senão que se utilizavam de boa parte dos itens introduzidos pelos europeus a fim de, por meio de uma reutilização própria de tais itens, conduzirem suas lutas e reivindicações.¹⁵ Segundo Boccara, já não são mais satisfatórias as análises que utilizam a noção de resistência no sentido exclusivo de defesa da tradição frente à aculturação. Aliás, não é recomendável, de acordo com o mesmo autor, postular qualquer a priori com relação à resistência. Pois se trata de um movimento complexo e contraditório. Os Mapuche, por exemplo, no Chile do século XVIII, aumentaram enormemente o seu poderio e autonomia mediante alianças com autoridades coloniais. Os Miskitu, na Nicarágua do século XVIII, conseguiram escapar das garras do poder colonial adotando estruturas de dominação e exploração adventícias. Como diz Boccara, “muitas instituições, tecnologias e símbolos podem, como nós sabemos, ser apropriadas, redefinidas e subvertidas, criando o que, aos olhos dos colonizadores, poderia aparecer como ‘monstros culturais’”.¹⁶

O presente trabalho apresenta alguns apontamentos iniciais sobre as conexões entre, por um lado, os contatos interculturais experimentados, durante os primeiros séculos da colonização, por certos grupos chaquenhos e, por outro, o processo de construção identitária e unificação sociopolítica (isto é, etnogênese) de uma sociedade Mbayá-Guaykuru.¹⁷ O recorte situa-se entre 1650 e 1800, no âmbito das relações

¹⁴ Cf. BOCCARA, Guillaume. *Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo. Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*. n. 1, 2001 [Disponível on-line a partir de 2005]. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document426.html>. Acesso em: 24 mar. 2006.

_____. *Rethinking the Margins/Thinking from the Margins: Culture, Power, and Place on the Frontiers of the New World. Identities: Global Studies in Culture and Power*. n. 10, 2003, p. 65-66, 70.

MONTEIRO, John Manuel. *Tupis, tapuias e historiadores: Estudos de história indígena e do indigenismo*. 2001. Tese (Concurso de Livre Docência) – Departamento de Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001, f. 58.

¹⁵ Cf. MONTEIRO, op. cit., f. 75.

¹⁶ BOCCARA, 2003, op. cit., p. 75. “[...] many institutions, technologies, and symbols can, as we know, be appropriated, redefined, and subverted, creating what, in the eyes of the colonizers, could appear as ‘cultural monsters’”.

¹⁷ Procurei grafar os etnônimos conforme as recomendações da “Convenção para a grafia dos nomes tribais” da Primeira Reunião Brasileira de Antropologia, que ocorreu no Rio de Janeiro em 1953, e que se encontram resumidas em: SCHADEN, Egon. *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

interculturais no vale do rio Paraguai, período de mudanças decisivas entre os Mbayá.¹⁸ O texto apresenta três intrincadas situações de contato que resultaram na apropriação de itens culturais adventícios: a posse de cavalos e gado; a constituição de uma sociedade poliétnica estratificada; e a ampliação da territorialidade. Busca-se avaliar cada um desses pontos na sua relação com a emergência sociopolítica dos Mbayá-Guaykuru e com suas estratégias de resistência à perda do que fora obtido. Dito de outro modo, no século XVIII, os Mbayá parecem ter lutado para manter as conquistas que obtiveram no bojo da expansão do sistema colonial.

SOCIEDADE EQÜESTRE EM MOVIMENTO

As populações da família lingüística Guaykuru compunham-se de vários grupos étnicos com traços culturais paleolíticos que, em determinado momento antes da invasão dos conquistadores europeus, migraram dos pampas para o Chaco. Seriam, a princípio, grupos caçadores, pedestres e nômades, com ethos de caçadores-guerreiros e conduta agressiva e belicosa contra os grupos vizinhos cultivadores. Branislava Susnik enumera como pertencentes a essa família os Mbayá, Toba, Abipon, Mocovi, Pilagá, Payaguá e Guaxarapo.¹⁹

A instalação de núcleos colonizadores espanhóis (aliados aos Guarani) no vale do rio Paraguai, como Assunção (1537), modificou amplamente as relações interculturais na região. A expedição comandada por Cabeza de Vaca que, em 1543, partiu de Assunção em demanda das supostas serras de prata do Alto Paraguai, seguindo por embarcações e tropas de animais por terra, deve ter despertado a cobiça dos povos chaquenhos de se apropriarem de uma novidade inédita: os cavalos.²⁰ No final do século XVI, os Abipon teriam sido os primeiros a dispor de cavalos, seguidos pelos Guaykuru do sul, parcialidade que habitava as imediações de Assunção e podia facilmente subtrair os animais às *haciendas*. Até meados do século XVII, segundo os cálculos Dobrizhoffer

¹⁸ Cf. SUSNIK, Branislava. **El indio colonial del Paraguay**: el chaqueño. T. III-1. Asunción: Andres Barbero, 1971.

_____. **Los aborígenes del Paraguay**. T. I. Etnología del Chaco Boreal y su periferia (Siglos XVI y XVIII). Asunción: Andres Barbero, 1978.

¹⁹ Cf. SUSNIK, 1978, op. cit., p. 72-73.

²⁰ SCHMIDEL, Ulderico. Viaje al río de la Plata y Paraguay [1565]. In: ANGELIS, Pedro de (Ed.). **Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las provincias del Río de La Plata**. Tomo 6. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1970, p. 320 et seq.

BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão territorial do Brasil colônia no vale do Paraguai (1767-1801)**. 1972. Tese (Doutorado em História)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972, f. 70.

para os Abipon, deve ter chegado a 100 mil o número de cavalos em poder destes índios.²¹

A adoção do cavalo por algumas populações chaquenhas foi, segundo Alfred Métraux, “a mais importante conseqüência do contato dos índios do Chaco com os espanhóis, e revolucionou completamente sua vida econômica, política e social”.²² O cavalo integrou-se sem muitas dificuldades à vida social das populações Guaykuru, semi-nômades caçadoras, “pois se adaptava às táticas de guerra empregadas, que se caracterizavam por incursões rápidas e periódicas em territórios habitados por grupos sedentários, especialmente as vizinhas sociedades agricultoras”.²³

Graças à posse dos cavalos e ao decorrente aumento do poderio bélico, os chamados Guaykuru do sul mantiveram contínuas trocas com as populações de Assunção. De um lado, promoviam sucessivos assaltos contra os estancieiros das redondezas e seus Guarani de serviço, tomando cativos e itens para as trocas; de outro, procuravam trocar pacificamente os itens de que dispunham em Assunção.²⁴ Traziam ao mercado local: cativos (principalmente Guarani), cavalos, gado, mel, cera, peles e penas coloridas; procuravam obter: facas, machados, agulhas, ganchos, ferro para pontas de flechas e lanças, contas para colares e vestidos. Mais de um depoimento refere que os Guaykuru acabavam por vender alguns cavalos aos mesmos estancieiros de quem os subtraíram anteriormente.²⁵

Os cavalos permitiriam, assim, aos Guaykuru, estarem em vários lugares ao mesmo tempo, promoverem as almejadas “trocas violentas” e retirarem-se sem muitos inconvenientes quando de alguma expedição punitiva espanhola.²⁶ Essa nova situação

²¹ Cf. DOBRIZHOFFER, Martin. *Historia de los Abipones* [1784]. v. 3. Tradução Edmundo Wernicke. Resistencia, Argentina: Universidad Nacional del Nordeste, 1970, p. 16.

MÉTRAUX, Alfred. *Ethnography of the Chaco*. In: STEWARD, Julian (Ed.). **Handbook of South America Indians**. Washington: Cooper Square Publishers, 1963. p. 202. v. 1

SAEGER, James Schofield. **The Chaco mission frontier: the Guaycuruan experience**. Tucson: University of Arizona Press, 2000, p. 7.

²² MÉTRAUX, op. cit., p. 202. “[...] the most important consequence of the contact of the Chaco Indians with the Spaniards, and completely revolutionized their economic, social, and political life”.

²³ HERBERTS, Ana Lúcia. **Os Mbayá-Guaicurú: área, assentamento, subsistência e cultura material**. 1998. 262 f. Dissertação (Mestrado em História)–Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1998, f. 18.

Vide também: MÉTRAUX, op. cit., p. 203.

²⁴ Cf. SUSNIK, Branislava. **El indio colonial del Paraguay: el chaqueño**. T. III-1. Asunción: Andres Barbero, 1971, p. 25.

²⁵ Cf. Ibid.

SAEGER, 2000, op. cit., p. 59, 62.

²⁶ Cf. BALDUS, Herbert. Introdução. In: BOGGIANI, Guido. **Os Caduveos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p. 20.

rapidamente emperrou a colonização européia na fronteira do Chaco.²⁷ Tanto que por volta de 1595, constatando a debilidade das expedições punitivas organizadas pelos espanhóis, os Guaykuru se permitiam dirigir provocações contra os adventícios. “Venham em hora boa – teria dito um deles a uma expedição espanhola – que se acabando o biscoito e o pão duro de leite (assim chamam ao queijo) retornarão sem fazer nada”.²⁸

Durante todo o século XVII, os cavalos permitiram aos Guaykuru a realização de incursões contra as reduções jesuíticas do Itatim, na banda oriental do vale do rio Paraguai, tomando-lhes inúmeros cativos, cavalos e gado, e contribuindo para sua desativação. No último quartel do século XVII e início do seguinte, os Guaykuru já haviam consolidado sua expansão territorial pela região conhecida como Vacaria (correspondente ao atual Estado do Mato Grosso do Sul e leste do Paraguai).²⁹ Os paulistas, que conheciam os itinerários da Vacaria e chegaram até a sustentar um arraial periódico na região, a fim de organizarem suas bandeiras preadoras de índios, tiveram suas marchas totalmente inviabilizadas. A rota que tentariam manter para as minas recém descobertas de Cuiabá (1718) ficaria restrita aos rios mais ao norte, como o Pardo e o Taquari.³⁰

Os Mbayá, por todo o século XVIII, visitavam constantemente Assunção a fim de trocar cativos, cavalos e gado por itens “civilizados”, que exprimiam sua nova disposição cultural em espelhar-se na figura dos “capitães” espanhóis, de modo que os trajes militares, em especial a bota, passaram a fazer parte da indumentária dos chefes.³¹ Embora adquirissem vultoso rebanho – só na década de 1730, os Mbayá tomaram cerca de 6 mil cabeças de gado aos colonos –, estes índios não se tornaram pastores. Seus

SUSNIK, Branislava. **El indio colonial del Paraguay**: el chaqueño. T. III-1. Asunción: Andres Barbero, 1971, p. 42-43, 51.

²⁷ Cf. MÉTRAUX, Alfred. *Ethnography of the Chaco*. In: STEWARD, Julian (Ed.). **Handbook of South America Indians**. Washington: Cooper Square Publishers, 1963, p. 203. v. 1

²⁸ LOZANO, Pedro. **Descripción corográfica del Gran Chaco Gualamba [1733]**. Reedición con prólogo e índice por Radames A. Altieri. Tucuman: Universidad Nacional de Tucuman, 1941, p. 77. “Vengan en hora buena, que acabándose el bizcocho, y el pan duro de leche (así llaman al queso) se volverán sin hacer nada”.

²⁹ Cf. BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão territorial do Brasil colônia no vale do Paraguai (1767-1801)**. 1972. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972. f. 158.

SUSNIK, 1971, op. cit., p. 37.

³⁰ Cf. BASTOS, op. cit.

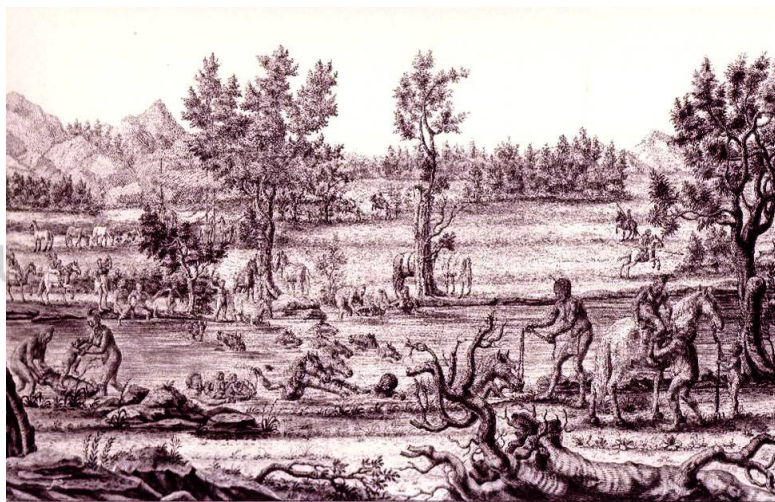
HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. 3. ed., 1. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 89, 98, 274.

³¹ Cf. SUSNIK, Branislava. **El indio colonial del Paraguay**: el chaqueño. T. III-1. Asunción: Andres Barbero, 1971, p. 69.

objetivos eram estritamente comerciais: negociar ou mesmo consumir o gado sem preocupações com a criação sistemática. Pois as atividades de “criação” eram pouco estimadas entre os Guaykuru em geral, que as viam como “atividades menores” próprias dos Guarani, por exemplo.³² Quanto aos cavalos, embora fossem um índice de prestígio de seus possuidores, a aproximação com Assunção, dada a frequência das trocas, provocou uma fenda no estoque, diminuindo assim o poder de incursionar.³³

A política indigenista espanhola do final do século XVIII estabelecia a meta de retirar todos os cavalos dos Mbayá para privá-los definitivamente da sua mobilidade, o que facilitaria o incremento das estâncias de colonos pelos vales dos rios Apa e Aquidabán. De acordo com Susnik, tal política indigenista “desapossaria os Mbayá não somente de seus cavalos, senão de sua própria subsistência, um meio de promover a des-equitação da sociedade Mbayá; um verdadeiro ‘fim do mundo’ para os Mbayá”.³⁴

Os Mbayá resistiram lutando para defenderem as conquistas que obtiveram durante o processo mesmo de colonização: e nessa resistência para manter o novo, procuraram tomar novos rumos políticos.



Índios Guaykuru atravessando um rio

(Fonte: FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá: 1783-1792. Iconografia. Vol. 1: Geografia/Antropologia.** Rio de

Diante das ofensivas dos espanhóis tocando o ponto nevrálgico

da sociedade Mbayá – os cavalos –, algumas parcialidades deste grupo étnico consolidaram a aliança com os portugueses. Desde 1791, costurava-se a aliança com os moradores do Forte de Nova Coimbra,³⁵ e pouco a pouco os chefes Mbayá vislumbravam a possibilidade de maiores vantagens estando aliados aos portugueses.

³² Cf. SAEGER, James Schofield. **The Chaco mission frontier: the Guaycuruan experience.** Tucson: University of Arizona Press, 2000, p. 22, 62.

³³ Cf. SUSNIK, 1971, op. cit., p. 68-69.

³⁴ Cf. Ibid., p. 92. “[...] desposeería a los Mbayáes no solamente de sus caballos sino de su propia subsistencia, un medio de la des-ecuestración de la sociedad mbayá; un verdadero ‘fin del mundo’ para los Mbayáes”.

³⁵ Cf. PRADO, Francisco Rodrigues do. História dos índios cavalleiros [...] [1795]. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 40, 1839.

Desse modo, poderiam assaltar as fazendas espanholas da vila de Concepción ao rio Aquidabán, contando com o apoio dos portugueses nas retiradas e com os mercados de Albuquerque e Miranda para a realização das trocas vantajosas da pilhagem obtida. Prosseguia a luta dos Mbayá para manter seu estoque de cavalos e a posse do rio Aquidabán (território que ocuparam na segunda metade do século XVII), e embora conseguissem uma importante vitória contra os paraguaios em 1818, sofreram a seguir graves reveses.³⁶

SOCIEDADE POLIÉTNICA ESTRATIFICADA

Os etnônimos Mbayá e Guaykuru constituem-se em exemplos notáveis de processos de etnificação, entendendo-se tais processos como imposição de esquemas de visão e de divisão pelo colonizador e estratégias por meio das quais as lideranças indígenas manipulavam suas identidades e alianças políticas.³⁷ Muito antes da invasão dos europeus, os Guarani cunharam o etnônimo pejorativo Guaykuru para identificar os habitantes chaquenhos que viviam nos campos onde seria instalada, depois, Assunção. Em língua Guarani, o termo quer dizer “gente malvada e suja”.³⁸ Para as populações do Alto Paraguai, com traços culturais parecidos, os Guarani utilizavam o etnônimo Mbayá, que quer dizer “esteira”, em referência às habitações portáteis que possuíam.³⁹ Esses etnônimos, de fato, correspondiam a duas populações com trajetórias históricas distintas. Entretanto, o mais significativo a reter aqui é que, a partir do século XVII, os

³⁶ Cf. MÉTRAUX, Alfred. *Ethnography of the Chaco*. In: STEWARD, Julian (Ed.). **Handbook of South America Indians**. Vol. 1. Washington: Cooper Square Publishers, 1963, p. 216.

³⁷ Cf. COLINI, Giuseppe Angelo. Notícia histórica e etnográfica sobre os Guaicuru e os Mbayá. In: BOGGIANI, Guido. **Os Caduveos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p. 249-307.

BOCCARA, Guillaume. *Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo*. **Nuevo Mundo, Mundos Nuevos**. n. 1, 2001 [Disponível on-line a partir de 2005]. Disponível em:

<http://nuevomundo.revues.org/document426.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2006.

_____. *Rethinking the Margins/Thinking from the Margins: Culture, Power, and Place on the Frontiers of the New World*. **Identities: Global Studies in Culture and Power**. n. 10, 2003.

MONTEIRO, John Manuel. **Tupis, tapuias e historiadores: Estudos de história indígena e do indigenismo**. 2001. Tese (Concurso de Livre Docência) – Departamento de Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

³⁸ Cf. SUSNIK, Branislava. **Los aborígenes del Paraguay** – Etnología del Chaco Boreal y su periferia (Siglos XVI y XVIII). T. I. Asunción: Andres Barbero, 1978, p. 73. Os Guaykuru sulinos autodenominavam-se Taquiyqui e Napinyiqui, os “do caminho” e os “do sítio de abelhas”, respectivamente. Cf. *Ibid.*, p. 76.

HERBERTS, Ana Lúcia. **Os Mbayá-Guaicurú: área, assentamento, subsistência e cultura material**. 1998. 262 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1998. f. 14.

³⁹ LABRADOR, José Sánchez. *El Paraguay Católico [1767]*. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910, p. 268. v. 1. Os Mbayá setentrionais autodenominavam-se Eyiguayegi, “gente do sítio de palmeiras”. Cf. *Ibid.*, p. 5.

Guaykuru e os Mbayá se fundem e passam a reivindicar uma identidade própria. Os etnônimos Mbayá e Guaykuru, cunhados pelos Guarani e amplamente utilizados pela administração espanhola, acabaram contribuindo para a emergência identitária dos Mbayá-Guaykuru.⁴⁰

Realmente, alguns rearranjos estruturais na política interétnica do Chaco condicionaram a aproximação da parcialidade meridional da setentrional. Pela década de 1650, os Lengua-Juiadgé e os Enimagá-Cochaboth cruzaram o rio Pilcomayo, penetrando no Chaco e ocupando a zona de livre mobilidade dos Guaykuru sulinos. A presença desses grupos deve ter desagradado os Guaykuru, que se viam agora limitados em seus deslocamentos, o que poderia ser muito prejudicial em caso de perseguição espanhola. Entende Susnik que o golpe final contra os Guaykuru do sul fora a chacina organizada pelos espanhóis em 1678, que matou 300 índios e fragilizou enormemente o restante diante da presença dos Enimagá:⁴¹ nessas condições, resolveram os Guaykuru do sul unirem-se definitivamente aos Mbayá do norte para prosseguirem juntos o plano de expansão a leste nas terras da Vacaria. No século XVIII, a fusão dos grupos fez emergir uma unidade sociopolítica, ainda que internamente dividida, que se autodenominava, diante dos colonizadores, ora Mbayá ora Guaykuru. Em 1730, durante o assalto à monção do ouvidor Lanhas Peixoto, movido pelos Payaguá aliados aos Mbayá, que saíram vitoriosos com vultoso despojo em cativos e ouro, um índio teria dito aos luso-brasileiros: “Oh patifes, vis e baixos, não sabeis que os Caráibas (assim chamam os brancos) não têm que fazer com os Paiaguás e Guaicurus”.⁴²

Não se deve, contudo, ao atribuir importância decisiva aos contatos com os adventícios no âmbito do sistema colonial, negligenciar determinadas estruturas e condicionamentos pré-coloniais.⁴³ De acordo com Saeger, a estratificação social entre os Guaykuru sofreu poucas influências do contato com os europeus. Muito antes do

⁴⁰ Cf. SUSNIK, Branislava. **Los aborígenes del Paraguay** – Etnología del Chaco Boreal y su periferia (Siglos XVI y XVIII). T. I. Asunción: Andres Barbero, 1978, p. 73, 85-88.

⁴¹ Cf. Id. **El indio colonial del Paraguay**: el chaqueño. T. III-1. Asunción: Andres Barbero, 1971, p. 43-44.

Vide também: SUSNIK, Branislava; CHASE-SARDI, Miguel. **Los indios del Paraguay**. Madrid: MAPFRE, 1995, p. 401 et seq.

⁴² CAMELO, João Antônio Cabral. Notícias Práticas das minas do Cuiabá e Goiáses, na capitania de São Paulo e Cuiabá, que dá ao Rev. Padre Diogo Juarez, o Capitão [...], sobre a viagem que fez às minas do Cuiabá no ano de 1727 [1734]. In: TAUNAY, Afonso de. **História das Bandeiras Paulistas**. Tomo III – Relatos monçoeiros. São Paulo: Melhoramentos, 1961, p. 145.

⁴³ Cf. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 246.

contato, os Abipon, Mbayá, Mocobi e Toba (estes com menos intensidade) já reconheciam um sistema hierárquico de distinções entre estratos sociais, de modo que cada grupo possuía uma elite, composta de chefes por nascimento e líderes militares, um estrato de pessoas comuns e um considerável estrato de servos e escravos. As distinções eram marcadas pela linhagem, aparência e dialetos diferenciados, não pela riqueza.⁴⁴ Entre os Mbayá, o estrato social dos escravos era numeroso e contava com indivíduos de vários grupos étnicos, segundo informa Rodrigues do Prado, que pôde assinalar cativos Kaingang, Guató, Kayowá, Bororo, Kayapó, Chamacoco e neófitos Chiquitos.⁴⁵ A ideologia de exclusivismo étnico era bastante forte entre os Mbayá, embora eles integrassem não poucas crianças cativas entre os “comuns” para conter o declínio populacional. A despeito disso, nenhuma menção honrosa era dada aos escravos por feitos militares e eram raros os casos de ascensão social de descendentes de cativos.⁴⁶

Apesar das estruturas de estratificação social precederem o contato com o europeu, as relações escravistas entre os Mbayá ganharam novo sentido no contexto do sistema colonial. Os Mbayá, desde o início da segunda metade do século XVII, promoveram contínuas incursões preadoras de cativos Guarani nas reduções jesuíticas da margem oriental do rio Paraguai. Segundo Susnik, estes Mbayá, cujo poderio já havia aumentado enormemente desde a posse dos cavalos no final do século anterior, espelharam-se nos exemplos das bandeiras paulistas, como a de 1648, e perceberam a proficuidade das “trocas vantajosas” de cativos por bens “civilizados” em Assunção.⁴⁷ Desse modo, suas incursões, da mesma forma que as dos paulistas, cumpriam a função de abastecimento de mão-de-obra Guarani para os empreendimentos colonizadores dos espanhóis.⁴⁸

Completando o complexo quadro poliétnico que constituíam os assentamentos Mbayá no século XVIII, cabe observar a presença dos Guaná, devida a uma aliança

⁴⁴ Cf. SAEGER, James Schofield. **The Chaco mission frontier: the Guaycuruan experience**. Tucson: University of Arizona Press, 2000, p. 77.

⁴⁵ Cf. PRADO, Francisco Rodrigues do. História dos índios cavalleiros [...] [1795]. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 31, 1839.

⁴⁶ Cf. SAEGER, James Schofield. **The Chaco mission frontier: the Guaycuruan experience**. Tucson: University of Arizona Press, p. 80-81, 2000.

⁴⁷ Cf. SUSNIK, Branislava. **El indio colonial del Paraguay: el chaqueño**. T. III-1. Asunción: Andres Barbero, 1971, p. 37.

⁴⁸ Cf. MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

simbiótica vigente desde antes da invasão européia.⁴⁹ Aliança que, contudo, contava com a vigência de um *status* dominante (*Oquildidi*: o “senhor” Mbayá) e um dominado (*Niyolola*: o “gentio dependente”, como os Mbayá chamavam os Guaná).⁵⁰ De maneira geral, a simbiose funcionava assim: os Guaná colocavam seus cultivos à disposição dos Mbayá, ofereciam-lhes mão-de-obra para vários trabalhos e cediam-lhes mantas, que eram trocadas em Assunção pelos itens desejáveis. Em contrapartida, os Guaná preservavam sua autonomia étnica, contavam com proteção militar, participando inclusive de algumas incursões, e acessavam os bens “civilizados”, obtidos pelos Mbayá aos provinciais. O “servicio chané” foi decisivo para a expansão territorial dos Mbayá porque lhes permitiu a mobilidade simultaneamente à disponibilidade de cultivos e itens culturais manufaturados, como os “panões”.⁵¹

O debate em torno das causas da submissão dos Guaná parece ter passado dos cronistas coloniais aos estudiosos do século XX. Duas hipóteses logo se impõem e se contrapõem. Escrevendo do presídio de Nova Coimbra em 1803, Ricardo Franco de Almeida Serra acredita que a submissão dos Guaná foi o resultado das contínuas incursões militares dos Mbayá, que obrigaram os primeiros a cederem parte de suas colheitas.⁵² Métraux ratifica essa hipótese militar como a mais provável.⁵³ O jesuíta Sánchez Labrador, que conviveu com os Mbayá entre 1760 e 1767, procurou explicar as causas dessa submissão considerando as relações de parentesco, pois para ele os casamentos interétnicos intercacicais transferiam os agregados das falecidas esposas Guaná aos maridos Mbayá.⁵⁴ O fato de que os Guaná só deviam obrigações aos chefes Mbayá, e não aos comuns, reforça essa hipótese, que é aceita por Susnik⁵⁵ e Baldus.⁵⁶ Roberto Cardoso de Oliveira, que também aventa uma terceira hipótese relacionada ao

⁴⁹ Cf. SCHMIDEL, Ulderico. Viaje al río de la Plata y Paraguay [1565]. In: ANGELIS, Pedro de (Ed.). **Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las provincias del Río de La Plata**. Tomo 6. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1970, p. 324.

⁵⁰ Cf. SUSNIK, Branislava. **El indio colonial del Paraguay**: el chaqueño. T. III-1. Asunción: Andres Barbero, 1971, p. 34-35.

⁵¹ Cf. *Ibid.*, p. 34-35.

⁵² Cf. SERRA, Ricardo Franco de Almeida. Parecer sobre o aldeamento dos índios Uaicurus e Guanás, com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes [1803]. In: VASCONCELOS, Cláudio Alves de. **A questão indígena na província de Mato Grosso**: conflito, trama e continuidade. Campo Grande: EdUFMS, 1999, p. 132.

⁵³ Cf. MÉTRAUX, Alfred. Ethnography of the Chaco. In: STEWARD, Julian (Ed.). **Handbook of South America Indians**. v. 1. Washington: Cooper Square Publishers, 1963, p. 306.

⁵⁴ Cf. LABRADOR, José Sánchez. **El Paraguay Católico** [1767]. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910, p. 266-267. v. 2.

⁵⁵ Cf. SUSNIK, 1971, op. cit., p. 35.

⁵⁶ Cf. BALDUS, Herbert. Introdução. In: BOGGIANI, Guido. **Os Caduveos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p. 26.

controle das vias de comunicação, prefere entender que se tratam de aspectos diversos de um mesmo processo de competição econômica e interação.⁵⁷

Na segunda metade do século XVIII, diante do acirramento das contradições do sistema colonial, os Mbayá procuraram resistir à perda dos cavalos, dos territórios que conquistaram no século anterior, do numerário demográfico e do apoio dos servos Guaná.⁵⁸ A política indigenista adotada pelos portugueses visava o enfraquecimento e o controle sobre as populações indígenas, bem como a liberação do acesso às suas terras. Após a aliança estabelecida em 1791 entre os portugueses e os Mbayá, mesmo que se beneficiassem das incursões dos Mbayá pelo Paraguai, os portugueses não desistiram de investir nas estratégias de desestabilização do poderio desses índios, atacando, como de costume, sua política de alianças. Destarte, procuravam beneficiar os Guaná de todas as formas, de modo que se desligassem da vassalagem que possuíam com os Mbayá, enfraquecendo a estes e a si mesmos. Em 1793, pouco depois da aliança com os Mbayá, vieram uns 300 Guaná ao presídio de Nova Coimbra pedir a proteção dos portugueses contra seus *Oquilidi*. A estratégia política dos portugueses manifestou-se no apoio dado à “independência” dos Guaná.⁵⁹

Ainda que os Guaná acessassem os “presentes” Mbayá, de acordo com os códigos paternalistas que fundamentavam a aliança simbiótica, algumas práticas distintas reificavam a hierarquia social vigente. Por exemplo, no final do século XVIII, Serra verificou que os capitães Mbayá que convidara para uma refeição recusaram-se a se sentar à mesa porque ali já tinham tomado assento alguns Guaná, e eles “não comiam com os seus captiveiros”.⁶⁰ Em 1799, porém, vendo os Mbayá que os Guaná iam constantemente ao estabelecimento português de Vila Maria a fim de tratar com o capitão Ayres Pinto a mudança do grupo étnico para aquelas paragens, começaram a modificar os Mbayá o modo e o estilo com que tratavam seus servos,

⁵⁷ Cf. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 36.

⁵⁸ Cf. SUSNIK, Branislava. **El indio colonial del Paraguay: el chaqueño**. T. III-1. Asunción: Andres Barbero, 1971, p. 95.

⁵⁹ Cf. PRADO, Francisco Rodrigues do. História dos índios cavalleiros [...] [1795]. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 30, 1839.

⁶⁰ SERRA, Ricardo Franco de Almeida. Parecer sobre o aldeamento dos índios Uaicurus e Guanás, com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes [1803]. In: VASCONCELOS, Cláudio Alves de. **A questão indígena na província de Mato Grosso: conflito, trama e continuidade**. Campo Grande: EdUFMS, 1999, p. 132.

“chamando os guanás de amigos e parentes, convidando-os para as suas festas, e mesmo para a minha mesa, temendo esta mudança”.⁶¹

A “TERRA MBAYÂNICA” E O SENTIDO DA GUERRA

Os Mbayá promoveram, desde o início da segunda metade do século XVII, contínuas incursões preadoras de cativos Guarani nas missões de Itatim, na margem oriental do rio Paraguai, assim como os paulistas já o faziam – mas, arruinadas as reduções, a posse, ocupação e efetivo controle do vasto território da Vacaria ficou sob a égide do poder Mbayá.⁶² Como atestam vários depoimentos, as incursões dos Mbayá tomavam inúmeros cativos nas reduções jesuíticas, ora contando com a aliança dos Payaguá e dos paulistas, ora atacando assentamentos que acabavam de ser atacados pelos bandeirantes. Os jesuítas suspeitavam que o governador do Paraguai Felipe Reja Corvalán (1671-1676) fizesse vistas grossas às incursões dos Mbayá, chegando a supor que ele as apoiasse, diante dos evidentes benefícios que o fornecimento de mão-de-obra trazia para as *haciendas*.⁶³ Esvaziadas as reduções, o território da Vacaria caiu em poder dos Mbayá, que passaram a consolidar uma territorialidade sobre essa região, a qual aparece referida, na documentação espanhola, como “tierra Mbayânica”.⁶⁴

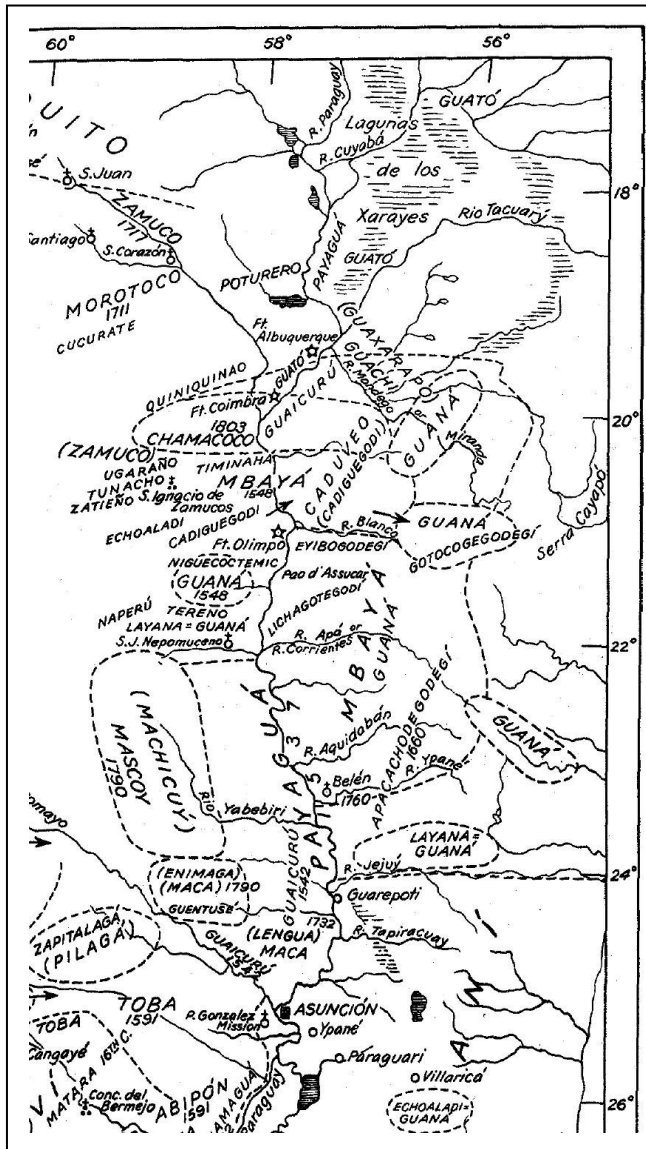
⁶¹ SERRA, Ricardo Franco de Almeida. Parecer sobre o aldeamento dos índios Uaicurus e Guanás, com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes [1803]. In: VASCONCELOS, Cláudio Alves de. **A questão indígena na província de Mato Grosso: conflito, trama e continuidade**. Campo Grande: EdUFMS, 1999, p. 132.

⁶² Cf. AZARA, Félix de. **Viajes por la América Meridional** [1789-1801]. Tradução de Francisco de Las Barras de Aragón. Madrid: Espasa-Calpe, 1969, p. 219.
BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. **Expansão territorial do Brasil colônia no vale do Paraguai (1767-1801)**. 1972. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972. f. 152.

⁶³ Cf. Docs. 7, 28, 30, 37, 38. In: CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596-1760)**: Manuscritos da coleção De Angelis. Tomo 2. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952.

⁶⁴ Cf. MENDES, Francisco. Carta do franciscano Frei Francisco Mendes sobre os costumes dos índios Mbaia e Guaná, no Alto Paraguai, 20/06/ 1772 [Doc. 7]. In: CORTESÃO, Jaime. **Do Tratado de Madri à conquista dos Sete Povos (1750-1802)**: Manuscritos da coleção De Angelis. Tomo 7. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969, p. 54.

O movimento expansionista de um grupo chaquenho, munido de considerável plantel de cavalos, por uma enorme “área cultural” de influência Guarani, e a tentativa de afirmação da posse desse território por quase dois séculos (1650-1850), constituem



Tribos do Gran Chaco: assentamentos quando do primeiro contato com o europeu [Extrato]
 (Fonte: MÉTRAUX, Alfred. *Ethnography of the Chaco*. In: STEWARD, Julian (Ed.). *Handbook of South America Indians*. V. 1. Washington: Cooper Square Publishers, 1963).

um evento notável na história das colonizações européias, significando, na prática, a imposição de poderosos obstáculos ao acesso dos adventícios. Nessas condições, a presença dos Mbayá nos territórios da Vacaria resultaria, por um lado, na inviabilização total do acesso dos castelhanos ao Alto Paraguai e, por outro, em severas limitações de mobilidade dos viajantes paulistas que quisessem chegar, no século XVIII, às minas do Cuiabá.⁶⁵

Assegurada pela agricultura e manufatura dos servos Guaná, cujos serviços deveriam ser inevitavelmente “retribuídos” com bens desejados, e condicionada pela busca de cativos, a sociedade Mbayá organizava-se nos moldes de uma economia predominantemente *botinera*, voltada para as incursões, para quem deveria parecer irresistível,

⁶⁵ Cf. BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis. *Expansão territorial do Brasil colônia no vale do Paraguai (1767-1801)*. 1972. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972. f. 152.
 HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. 3. ed., 1. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 58.

em meados do século XVII, a promissora região da Vacaria, com suas missões de índios Guarani, seus cavalos e gado.⁶⁶

Outro importante fator condicionante à marcha expansionista dos Mbayá para o leste foi o ecológico.⁶⁷ Corresponde à demanda desse grupo étnico pela palmeira bocaiúva (*Acronomia aculeata*), *Namogolidi* em língua Guaykuru. Embora os Mbayá apreciassem também outras palmeiras, era do *Namogolidi* que tiravam maior proveito, consumindo-o de várias formas: alimentavam-se dos cocos crus ou assados na brasa; com o miolo produziam a farinha, com a qual faziam bolos e tortas; utilizavam as fibras das folhas para confeccionar cordas e linhas; os espinhos dos troncos eram usados como alfinetes; da amêndoa do coco se obtinha o azeite que servia para iluminação; da casca do coco confeccionavam anéis e brincos; da fermentação da polpa do coco obtinham suave licor, servido sempre nas festas dos guerreiros.⁶⁸ Como sociedade escravocrata em expansão, os Mbayá deparavam-se com a alimentação como um problema a ser solucionado: as margens orientais do rio Paraguai, por seu turno, afigurar-se-iam como um nicho ecológico adequado à demanda pelo *Namogolidi*. Durante o processo de expansão, coube ao subgrupo Apacachodegodegi, também conhecidos como “Avestruzeiros”, a posse dos territórios ricos em *Namogolidi* entre os rios Apa e Jejuí. A posse dos territórios ricos em *Namogolidi* proporcionou aos Mbayá uma identificação inédita com aquela região, constituindo-a, no plano simbólico, como expressão máxima da “nossa terra” e do ser Eyiguayegi, população do sítio de palmeiras.⁶⁹

Desejosos de acessar um nicho ecológico que suprisse a necessidade de *Namogolidi*, aspirando à captura de cativos para as trocas vantajosas e almejando aumentar o montante de cavalos em seu poder, partem os Mbayá, na segunda metade do século XVII, afiançados na segurança subsistencial possibilitada pela servidão dos

⁶⁶ Cf. HERBERTS, Ana Lúcia. **Os Mbayá-Guaicurú: área, assentamento, subsistência e cultura material**. 1998. 262 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1998, f. 23.

⁶⁷ Sobre a importância dos nichos ecológicos na dinâmica competitiva dos grupos étnicos, vide: BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Tradução de Élcio Fernandes. 1. reimp. São Paulo: Edunesp, 1998, p. 201-202.

⁶⁸ Cf. LABRADOR, José Sánchez. *El Paraguay Católico [1767]*. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910, p. 157-59. v. 1.
HERBERTS, op. cit., f. 138-140.

SUSNIK, Branislava. **El indio colonial del Paraguay: el chaqueño**. T. III-1. Asunción: Andres Barbero, 1971, p. 38-39.

⁶⁹ Cf. SAEGER, James Schofield. **The Chaco mission frontier: the Guaycuruan experience**. Tucson: University of Arizona Press, 2000, p. 53.
SUSNIK, 1971, op. cit., p. 38-39, 91.

Guaná e na destreza que possuíam como sociedade eqüestre, para um projeto expansionista de dominação da região da Vacaria. Os Guaykuru do sul, que ocupavam a margem ocidental do rio Paraguai, em frente à cidade de Assunção e um pouco mais a oeste, entre o Pilcomayo e o Yabebiry, devido à depopulação e à presença dos Enimagá, unem-se aos Mbayá do norte e partem também no projeto expansionista. Por sua vez os Mbayá, que ocupavam no século XVI a margem ocidental do rio Paraguai, terra adentro, pelos paralelos 22° e 24°, a partir de 1650, empurrados para o leste pelos Enimagá e tendo em conta um projeto expansionista, cruzam o rio e passam a dominar o Itatim e a Vacaria. Após contínuas incursões, simultâneas às promovidas pelos paulistas, esvaziam as reduções jesuíticas e passam a dispor de vastíssimo território que, pelo final do século XVII, contemplava as terras do rio Jejuí (24°), ao sul, até o rio Taquari (19°), ao norte, sem contar os territórios da margem direita, que não abandonaram, localizados entre os paralelos 20° e 23°. Durante todo o século XVIII pode-se dizer que, a dar crédito para os depoimentos dos cronistas, os Mbayá não tiveram nenhuma perda territorial significativa.⁷⁰

No final do século XVIII, porém, ficava definitivamente clara para os Mbayá a imposição de uma territorialização⁷¹ intolerável por parte dos dois grupos colonizadores. A aproximação das parcialidades setentrionais do grupo étnico em relação aos portugueses parecia a única alternativa plausível diante da ofensiva espanhola sobre seus nichos ecológicos tradicionais.⁷² Os conflitos acirraram-se por todas as partes, como forma de resistência à territorialização forçada. Desde 1788, os Apacachodegodegis empreendiam resistência contra a invasão de seus nichos ecológicos ao sul do rio Apa pelos estancieiros espanhóis, ávidos pelos terrenos de excelente qualidade ali existentes.⁷³ O avanço dos estancieiros pelo rio Aquidabán também foi marcado por extrema violência, de modo que em 1796, 75 índios Mbayá

⁷⁰ Cf. AZARA, Félix de. **Viajes por la América Meridional** [1789-1801]. Tradução de Francisco de Las Barras de Aragón. Madrid: Espasa-Calpe, 1969, p. 219.

QUIROGA, José. Descripción del Río Paraguay, desde la boca del Xauru hasta la confluencia del Paraná [1752]. In: ANGELIS, Pedro de (Ed.). **Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las provincias del Río de La Plata**. Tomo 6. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1838, p. 73-74.

⁷¹ O termo territorialização vem aqui no sentido de “intervenção da esfera política que associa — de forma prescritiva e insofismável — um conjunto de indivíduos e grupos a limites geográficos bem determinados” (OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos ‘índios misturados’? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana**, n. 4(1), p. 56, 1998.)

⁷² Cf. SUSNIK, Branislava. **El indio colonial del Paraguay: el chaqueño**. T. III-1. Asunción: Andres Barbero, 1971, p. 92 et seq.

⁷³ Cf. *Ibid.*, p. 78.

foram mortos a sangue frio pelas milícias dos estancieiros de Concepción.⁷⁴ Nesse mesmo ano, consolidava-se o avanço dos provinciais sobre o nicho ecológico do rio Apa, de onde retiravam os Mbayá tradicionalmente seus *Namogolidi*: a perda deste nicho ecológico, símbolo máximo da “nossa terra” e do ser Eyiguayegi, foi sentida como perda do próprio sentido da identidade Mbayá, sintoma de desintegração.⁷⁵

Mas reorientando suas políticas, os Mbayá procuraram resistir à perda de seus territórios. Em 1802, o viajante Candido Xavier de Almeida e Souza, em missão militar, pôde observar a vida cotidiana dos fronteiriços que estavam assentados em torno do estabelecimento português de Albuquerque e fortes próximos. Vigorava a aliança entre os portugueses e os Mbayá. A consciência territorial destes índios atualizou-se segundo a dicotomização espacial do antagonismo entre os colonizadores adventícios. Destarte, os Mbayá prestavam, nessa época, valioso auxílio aos portugueses nos conflitos contra os espanhóis. Registrou Almeida e Souza que, em janeiro de 1802, deram contra os estabelecimentos castelhanos 55 portugueses somados a 297 “Índios da Nação Guaykuru”.⁷⁶ Estes “acometeram tumultuariamente [sic] debaixo das sombras da noite com grande vozeria, da qual atemorizados os Espanhóis, desampararam a Estacada”.⁷⁷ Aos portugueses e Mbayá, rendeu o muito bem sucedido assalto, além dos prisioneiros, 30 espingardas, uma peça de artilharia, meia arroba de pólvora, 200 reses e 300 cavalos.⁷⁸ Em julho de 1802, chegou a notícia de que os Mbayá haviam subtraído uma peça de artilharia ao forte espanhol de Borbón. Muito antes de se solidarizarem com as autoridades espanholas, que pediam que os portugueses proibissem as incursões Mbayá, rapidamente recolheram a dita peça os habitantes do forte português de Miranda.⁷⁹

A aproximação dos Mbayá em relação aos portugueses, numa aliança muito menos passível de manipulação quanto queriam os chefes desse grupo étnico, não freou a sua busca pela preservação da sua pauta cultural específica. Assim, enquanto permaneciam nas vizinhanças do estabelecimento de Albuquerque, os Mbayá faziam

⁷⁴ Cf. SUSNIK, Branislava. **El indio colonial del Paraguay**: el chaqueño. T. III-1. Asunción: Andres Barbero, 1971, p. 88-89.

⁷⁵ Cf. *Ibid.*, p. 91.

⁷⁶ ALMEIDA E SOUZA, Candido Xavier de. Descrição diária dos progressos da expedição destinada à capitania de São Paulo para fronteiras do Paraguai, em 9 de outubro de 1800 [1802]. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 202, p. 78, 1949.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 79.

⁷⁸ Cf. *Ibid.*

⁷⁹ Cf. *Ibid.*, p. 86.

questão de levar a sua vida cotidiana de acordo com sua pauta cultural, fato que escandalizou o viajante Almeida e Souza.

[...] ficamos sofrendo uma vera effgie do Reino de Satanás, segundo as opiniões dos Santos Padres, em mais de 200 Índios Guaycurús entre homens e mulheres, em círculo do nosso acantonamento, em continuada vozeria de dia e de noite, cometendo com toda a liberdade as impudicícias próprias de sua natural dissolução, e aturdindo os ouvidos dos espectadores em martelar efetivamente com pedras na fabrica de quebrar os cocos denominados bocaiúvas, com cujas castanhas se alimentavam, envoltas no óleo dos jacarés.⁸⁰

Também foi alvo da reprovação de Almeida e Souza o fato dos Mbayá estacionarem sua cavalhada em circunferência ao redor das casas.⁸¹ Mas tanto a ostentação da posse de vultoso montante de cavalos, quanto o preparo do alimento à base de *Namogolidi*, eram alguns dos traços marcantes da pauta cultural Mbayá, a qual preservavam bem diante do forte militar do aliado adventício. A aliança com os fortes militares portugueses parece ter sido o caminho tomado pela nova política dos Mbayá para resistir à perda dos itens culturais que já faziam parte da sua identidade, e que obtiveram no curso da expansão do sistema colonial.

Levando em conta as guerras expansionistas do século XVII e as lutas movidas no século seguinte pela preservação dos territórios conquistados e do estoque de cavalos, cabe ressaltar a centralidade dos condicionamentos materiais, em especial as razões territoriais, na definição da função da guerra na sociedade Mbayá-Guaykuru.⁸² Ver as coisas desse modo não significa desconsiderar as razões de prestígio e vingança apontadas por Métraux.⁸³ Mas sim atentar também para os condicionamentos econômicos das guerras, para os quais chama a atenção Saeger:

Eles lutaram por vingança, pelo prestígio dos líderes guerreiros e seus seguidores, e pela integridade das suas áreas de caça. Eles lutaram por ganhos econômicos, porque a guerra trazia cativos, gado e cavalos. Eles invadiram áreas de caça vizinhas enquanto protegiam as que possuíam, e eles lutaram sobre valiosas terras próximas aos *criollos*. Em outros termos, eles lutaram por razões territoriais⁸⁴.

⁸⁰ ALMEIDA E SOUZA, Candido Xavier de. Descrição diária dos progressos da expedição destinada à capitania de São Paulo para fronteiras do Paraguai, em 9 de outubro de 1800 [1802]. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 202, p. 84, 1949.

⁸¹ Cf. Ibid.

⁸² Cf. SAEGER, James Schofield. **The Chaco mission frontier: the Guaycuruan experience**. Tucson: University of Arizona Press, 2000, p. 120.

⁸³ MÉTRAUX, A. **Warfare, Cannibalism, and Human Trophies** apud SAEGER, James Schofield. **The Chaco mission frontier: the Guaycuruan experience**. Tucson: University of Arizona Press, 2000, p. 227.

⁸⁴ SAEGER, op. cit., p. 120. “They fought for vengeance and the honor of a war chief and his followers, and for the integrity of their hunting areas. They fought for economic gain, because war brought

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou apresentar alguns apontamentos iniciais sobre as vinculações entre, por um lado, os contatos interculturais experimentados, durante os primeiros séculos da colonização, por certos grupos chaquenhos e, por outro, o processo de construção identitária e unificação sociopolítica (isto é, etnogênese) de uma sociedade Mbayá-Guaykuru. Buscou-se avaliar como, a partir dos contatos interculturais e da seleção e recriação de itens culturais adventícios, vislumbrou-se a emergência sociopolítica dos Mbayá-Guaykuru. Também se enfatizou como, no século XVIII, os Mbayá parecem ter lutado para manter as conquistas que obtiveram no curso mesmo da expansão do sistema colonial. Assim, avaliou-se as lutas para manter a posse do estoque de cavalos e do amplo território da Vacaria, rico da palmeira bocaiúva muito apreciada pelo grupo. Lutas de resistência para manter o novo, que demandaram a procura por novos rumos políticos nas relações com os portugueses e espanhóis. Também se analisou a precedência pré-colonial da estrutura social estratificada dos Mbayá, que, contudo, não deixou de passar por mudanças significativas, quando o grupo passou a manter uma economia de fornecimento de cativos, que obtinham violentamente entre outros grupos étnicos e provinciais, para os estabelecimentos colonizadores.

Isto posto, cabe retomar as perguntas motivadoras dessas reflexões. Como entender que, diante das ofensivas coloniais do século XVIII, os Mbayá-Guaykuru resistiram lutando para defenderem as conquistas que obtiveram durante o processo mesmo de colonização: os cavalos, o estrato de escravos e o território de boa parte do vale do rio Paraguai? Ao que parece razoável, tomando-se em conta as relações entre os contatos interculturais e a emergência identitária do grupo. O “novo *tipo* de sociedade”⁸⁵ que surge no século XVIII – os Mbayá-Guaykuru – poderia ser entendido como resultado de um processo de etnogênese? Aparentemente sim, desde que não se reduza toda a complexidade das estruturas sociais ao contato colonial com os adventícios.

captives, cattle, and horses. They encroached on neighboring hunting areas while protecting their own, and they fought over the valuable lands closest to creoles. In other words, they fought for territorial reasons”.

⁸⁵ SCHWARTZ, Stuart B.; SALOMON, Frank. New peoples and new kinds of people: adaptation, readjustment, and ethnogenesis in South American indigenous societies (Colonial Era). In: _____. (Eds.). **The Cambridge history of the native peoples of the Americas**: South America. Parte 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 443. v. 3.